

INTERFERÊNCIAS FONÉTICAS/FONOLÓGICAS DO XERENTE NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA

Jeronilson de O. França, UnB
Orientadora: Daniele Marcelle Grannier, UnB

Resumo: O trabalho descreve, resumidamente, a situação sociolingüística do povo Xerente. A pesquisa foi realizada a partir da análise da produção oral em português de índios Xerente, transcrita utilizando-se o alfabeto fonético internacional (IPA). O foco da pesquisa é a análise das interferências fonético/fonológicas da língua Xerente na aquisição do português como segunda língua. O trabalho inclui uma breve discussão sobre interlíngua e possíveis aplicações dos resultados do estudo para o ensino de português às comunidades indígenas, especialmente para as comunidades Xerente.

Palavras chave: Interferência fonético/fonológica, Xerente, português, interlíngua, ensino, aquisição

1. Introdução

Os Xerente ou Akwe, como se auto-denominam, são falantes de língua de mesmo nome, da família Jê. Existem por volta de 3100 xerentes (Sousa, 2007). A língua Xerente se encontra ameaçada de extinção devido a um processo histórico de contato com a língua portuguesa.

De acordo com Sousa (2007), os Xerentes habitavam nas proximidades do rio Tocantins e “estiveram em constantes situações de contato interétnico com não indígenas, precisamente desde 1785”. Diz Sousa (2007) que essas situações de conflito provocaram a divisão deste povo em Xavante e Xerente. Sousa (2007) conclui que o nome “Xavante identificou o grupo que decidiu em 1824 isolar-se, migrando da bacia do Tocantins para os campos do Rio das Mortes, em Mato Grosso e que os Xerente se fixaram na margem direita do rio Tocantins”. Daí em diante, passaram a ter um contato cada vez maior com a língua portuguesa, pois apresentavam uma menor resistência quanto a presença do homem “branco” na região. Posteriormente, as diferenças lingüísticas entre os grupos Xavante e Xerente acentuaram-se, o que acabou provocando o surgimento de duas línguas diferentes, a língua Xavante e a língua Xerente.

Proponho-me a analisar possíveis interferências fonético/fonológicas da língua xerente na aquisição do português como segunda língua pelos índios xerentes. Esta pesquisa visa contribuir para o conhecimento do processo de aquisição de línguas pelo ser humano e de fenômenos relativos à fonética/fonologia das línguas em contato, fornecer subsídios para o ensino de português à comunidade indígena, além de contribuir para um melhor conhecimento dessa língua indígena presente no estado de Tocantins. Esta pesquisa faz parte do subprojeto *Fonologia do Xerente*, coordenado por Daniele Marcelle Grannier, da Universidade de Brasília, o qual está vinculado ao projeto interinstitucional intitulado *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção e processos de (re)vitalização: documentação (análise e descrição), tipologias sociolingüísticas e educação escolar* (LBAE), cuja coordenação geral está sob a responsabilidade de Sílvia Braggio, da Universidade Federal de Goiás.

Para a análise dos dados relativos a esta pesquisa foram registradas as transcrições fonéticas de entrevistas com índios Xerente falando português, assim como outros dados relativos à realização das mesmas. As transcrições foram realizadas com base nas gravações disponíveis no banco de dados do projeto, utilizando o alfabeto fonético internacional (IPA) e, para a análise dos dados, utilizou-se uma metodologia comparativa dos sons/fonemas do Xerente, da língua portuguesa e do sistema aproximativo usado pelos informantes. Adota-se um quadro teórico básico que considera três níveis de abstração: fonemas segmentais, sílabas e vocábulos fonológicos, conforme Câmara Jr. (2000), Bisol (2004) e o processo de ressilabificação, conforme Nespor e Vogel (1986).

Tal pesquisa pode ter possíveis aplicações quanto ao ensino de português como segunda língua aos povos indígenas, mais especificamente, o povo Xerente, e aplicações em materiais didáticos e programas de ensino de língua portuguesa.

2. A situação sociolingüística e fenômenos lingüísticos do Xerente

O Xerente é a língua do povo indígena Xerente. O Xerente é uma língua indígena a qual, como tantas outras, se encontra ameaçada de extinção, pois vive sob um processo de forte pressão da língua portuguesa.

Devido ao contato com a população não indígena da região, uma parte da população Xerente adquiriu o português como uma segunda língua, provavelmente em diferentes graus de aproximação do sistema alvo. De acordo com Sousa (2007), as crianças Xerente aprendem a língua portuguesa escutando músicas no rádio, com funcionários de órgãos do governo, quando vão para a cidade para continuar seus estudos, pois as escolas da aldeia somente atendem até a quarta série do ensino fundamental e com diversas outras formas de contato com o não indígena.

De acordo com Braggio (2000), a língua Xerente pode ser sub-classificada em Xerente falado pelos indígenas mais jovens, Xerente falado mais ou menos jovens e Xerente falado pelos índios mais velhos. Braggio (2000), diz ser notável a diferença principalmente entre a língua falada pelos índios mais jovens e a língua falada pelos índios mais velhos. Dentre outros fatores, a língua xerente falada pelos índios mais jovens possui vários termos originados por processos de empréstimo e adaptação fonológica provenientes da língua portuguesa da região. Pode-se citar o exemplo extraído de Braggio (1999), da ocorrência de rãbret, que é um empréstimo com uma adaptação fonológica de ‘lambreta’, palavra que designa o chinelo do tipo havaiana no português local. Segundo Braggio (2000), “a geração dos mais jovens e a geração dos mais velhos consideram que o povo Akwe possui duas línguas: uma dos mais velhos e outra dos jovens. Daí, decorre que os mais ou menos jovens conhecem estas duas variedades”. Sousa (2007), baseado em Braggio (2000), classifica os índios mais ou menos jovens, como a faixa etária de 21 a 49 anos.

De acordo com Sousa (2007), os estudos lingüísticos acerca da língua Xerente somente “foram iniciados em 1965, época da chegada do pastor Rinaldo Mattos, linguista filiado ao SIL (Summer Institute of Linguistics), á aldeia Porteira. O pastor descreveu a fonologia da língua, estabelecendo a ortografia utilizada na alfabetização dos índios e na tradução da Bíblia”.

3. Descrição dos dados

Para esta pesquisa, optou-se por trabalhar com a geração dos mais ou menos jovens, visto que são os integrantes dessa geração que estão no meio do conflito lingüístico que existe entre os falantes mais velhos e os falantes mais jovens, sobre qual língua usar e legitimar como língua Xerente e visto que os mais ou menos jovens conhecem estas duas variedades.

Na análise dos dados, as transcrições foram realizadas com base nas gravações disponíveis no banco de dados do projeto (LBAE) e utilizou-se o alfabeto fonético internacional (IPA), com pequenas alterações indicadas em notas.

Tendo em vista que não existe uma descrição da variedade portuguesa da região do Tocantins, adota-se como referência do sistema fonológico da língua portuguesa a análise de Câmara Jr. (2000) e levam-se em conta considerações formuladas por Silva (2002).¹

Na presente pesquisa, a transcrição e análise fonético/fonológica das gravações de entrevistas coletadas com os índios Xerente, nos revela que, no português dos mesmos, há um total de 23 fones consonantais: [p], [b], [t], [ts], [d], , [dz], [k], [g], [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [m], [n], [l], [λ], [x], [h], [ŋ], [ɲ], [r], e as 2 aproximantes, ou semiconsoantes, [j] e [w], descritos em função das coordenadas do quadro 1.

¹ Idealmente, deveríamos fazer o nosso estudo baseado na variedade do português da região de Tocantínia, cidade mais próxima das aldeias Xerente e que possui grande fluxo de índios Xerente estudando, trabalhando, fazendo e vendendo seus artesanatos, entre outros.

Já em relação aos sons vocálicos, temos 28 ocorrências: [i], [i²], [I], [i:], [ɨ], [ɨ²], [ɨ:], [u], [u²], [u:], [e], [e], [e:], [ə], [ə], [ə:], [o], [o], [ε], [ε:], [ε], [e], [e:], [e], [ɔ], [ɔ:], [a], [a:], que estão descritos e classificados no quadro 2.

	Bilabial	Lábio-dental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b			t ts d dz			k g	
Nasal	m			n		ɲ	ŋ	
Flepe				r				
Fricativa		f v		s z	ʃ ʒ		x	h
Aproximante	w					j		
Lateral				l		λ		

Quadro 1 – Fones consonantais e suas classificações, encontrados no português falado pelos Xerente.

		Anterior	Central		Posterior
		Não Arredondada	Não arredondada	Arredondada	Arredondada
Alta	Fechada	i i i:	ɪ	ɨ ɨ ɨ:	u u u:
Média	Fechada	e e e:	ə ə ə:		o o
Média	Aberta	ɛ ɛ ɛ:		e e e:	ɔ ɔ:
Baixa	Aberta		a a:		

Quadro 2 – Fones vocálicos e suas classificações, de acordo com o português falado pelos Xerente, na amostra analisada.

Do inventário de fones, listado anteriormente, retirou-se os seguintes fonemas consonantais, descritos no quadro 3, e fonemas vocálicos, descritos no quadro 4.

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d			k g	
Nasal	m		n		ɲ	ŋ	
Flepe			r				
Fricativa		f v	s z	ʃ ʒ		x	h
Aproximante	w		l		j		
Lateral					λ		

Quadro 3 – Fonemas consonantais encontrados no português falado pelos Xerente, na amostra analisada.

²² Excepcionalmente, por dificuldades de formatação, adotamos uma convenção diferente do IPA para representar vogais nasalizadas, que são grafadas em negrito.

		Anterior	Central		Posterior
		Não Arredondada	Não arredondada	Arredondada	Arredondada
Alta	Fechada	i i	ɪ	ʊ	u u
Média	Fechada	e e	ə ə		o o
Média	Aberta	ɛ			ɔ
Baixa	Aberta		a		

Quadro 4 – Fonemas vocálicos encontrados no português falado pelos Xerente, na amostra analisada.

3.1 QUEDA DAS VOGAIS:

Para a análise das quedas de vogais, que ocorrem, geralmente, em final de sílaba, segue-se alguns exemplos de ocorrências de queda de vogal e seu contexto.

(a) Queda de vogal média central fechada não arredondada, em posição átona da sílaba átona / ə /:

[a'gɔrki] 'agora o que'
 [kəs] 'câncer'
 [pɾɛwku'padnɛ] 'preocupada né'

(b) Queda de vogal alta central fechada não arredondada, em posição da sílaba átona / ɪ /:

[sa'udki] 'saúde que'
 [pɔd'pasa] 'pode passar'
 [ʃe'retbaʃtɔts] 'xerente bastante'

(c) Queda de vogal alta central fechada arredondada, em posição de sílaba átona / ʊ /:

[muʃtne] 'muito né'
 ['bræk] 'branco'
 [du'mat'mexm] 'do mato mesmo'

Pelo o que pode-se perceber, as vogais centrais alta fechada arredondada /ʊ/, alta fechada não arredondada /ɪ/ e média fechada não arredondada /ə/, quando em posição átona no final de sílabas, tiveram um grande índice de apagamento, ou queda. Geralmente, em português, muitas palavras ficam átonas no final de suas sílabas, mas tal fato não chega a provocar a queda de suas vogais finais. Pode-se deduzir, então, que tal característica da língua portuguesa facilitou a queda das vogais, processo, este, característico da língua Xerente. Este fato também é um exemplo de interferência Lingüística.

Na lista de exemplos anterior, pudemos verificar um dos tipos de interferência fonético/fonológica do Xerente na fala dos mesmos em língua portuguesa, que é o fato de existir, em Xerente, o processo de apagamento de consoantes e vogais, principalmente quando em posição final de palavra, o que pode ser confirmado nos exemplos /sɔ'fɾɛnasi:/, sofrendo assim, onde, neste caso, verifica-se a queda de toda a última sílaba (-do) de sofrendo; ou /'bræk/, onde pode-se verificar a queda da vogal (-o), de branco; entre diversos outros dados, que confirmam a hipótese de que a característica da língua Xerente, de que há a queda de vogal e consoante em última sílaba, também interfere no português falado pelos mesmos.

A seguir, demonstrarei o ambiente fonológico em que ocorreram, na fala em português dos índios Xerente, o apagamento, ou queda, das vogais levando em consideração as consoantes que as precedem e que as seguem em final de sílaba.

Houve queda de vogais finais de palavras, como descrito na regra 1, logo abaixo, no contexto de junção de palavras.

Regra 1 – Queda de vogais

$$V \rightarrow \emptyset / C_1_ \#C_2$$

Note-se que a regra 1 aplica-se apenas no caso de vogais precedidas pelas consoantes do tipo C_1 e seguidas por palavras iniciadas por consoantes do tipo C_2 , observando-se as restrições de co-ocorrências indicadas no quadro abaixo.

C_1	C_2
d	k, m, n, p
t	b, k, n, p, m, ʃ, d, s
m	k, n
b	t, k, p
k	n, p, s
p	k
z	k, n
l	n, s, m, p

Quadro 5 (Restrições de co-ocorrência das consoantes da regra 1.)

Quando da aplicação dessa regra, é necessário observar a ressilabificação entre as palavras e que a queda da vogal final foi propiciada pelo fato de estarem em posição de coda em relação às consoantes posteriores, que estão em ataque. Veja alguns exemplos:

Em relação à queda da vogal precedida de:

/d/:

d / __ k: sa'udki 'saúde que'

d / __ m: 'pedmajz 'pedra mais'

d / __ n: pɾɛwku'padnɛ 'preocupada né'

d / __ p: pɔd'pasa 'pode passar'

/t/:

t / __ b: ʃe'ɾɛtbɔftɔts 'xerente bastante'

t / __ k: 'mɔjtkojzki 'muita coisa que'

t / __ n: 'mɔjtnɛ 'muito né'

t / __ p: 'mɔjtpɾɛwku'padə 'muito preocupada'

t / __ m: pɾɔ'zɛtmɛm 'projeto mesmo'

t / __ ʃ: hɛtʃɛga'la 'gente chega lá'

t / __ d: 'gɔstdpa'zɛnɔ 'gosto de pajé não'

t / __ s: e'xɛt'sap 'a gente sabe'

/m/:

m / __ k: 'mɛxmkɔne'gɔsdi: 'mesmo com negócio de'

m / __ n: 'memnɔjz 'mesmo nós'

/b/:

b / __ t: 'bɛbtə'bej 'bebe também'

b / __ k: xɛspɔ'sabki 'responsável que'

b /__p: 'tɔbpa 'toma para'

/k/

k /__n: 'brəkne 'branco né'

k /__p: fikpɾɛwku'padə 'fico preocupada'

k /__s: fikso'frɛnɛsi 'fico sofrendo'

/p/:

p /__k: 'sapkɔmɛkifajz 'sabe como é que faz'

/z/:

z /__k: dizkiɛ'kəsə 'dizem que é câncer'

z /__n: 'mɔjtkojznɛ 'muita coisa né'

/l/:

l /__n: a'kelne'gɔs 'aquele negócio'

l /__s: a'kɛls'bɔbə 'aquelas bombas'

l /__m: 'falmɛxm 'falo mesmo'

l /__p: 'falpu 'falo para o'

Como verificou-se, a ressilabificação³ das palavras também pode ter exercido influências sobre a fala dos índios Xerente, ou seja, também foi um fator facilitador do processo de queda, ou apagamento das vogais ou consoantes. Pode-se verificar, também, no exemplo /a'kɛls'bɔbə/, aqueles bomba, um tipo de influência especial do Xerente, tal influência se refere à falta de concordância de gênero, pois o sistema de marcação do Xerente difere do sistema de marcação de gênero do português, mas não nos ateremos a este fato, pois não faz parte da pesquisa proposta.

3.2 QUEDA DAS CONSOANTES

Antes de tratar sobre o fenômeno de queda, ou apagamento de consoantes, demonstra-se alguns exemplos de ocorrências dos fones consonantais para, a partir daí, obter-se referências das posições em que podem ocorrer de acordo com os exemplos abaixo:

Ocorrências de oclusivos alveolares surdos /t/ :

[pɔxtɔ'geizagɔr'ki] 'português agora o que'

['pɛxtsjɔmɛxmɔ] 'pertinho mesmo'

[ʃe'retbaʃ'tɔtʒ] 'xerente bastante'

Ocorrências de oclusivos alveolares sonoros /d/:

[fal'əne'gɔsdi:] 'falando negócio de'

[diʃeud'kinɔsəʃeud'ta:] 'de saúde que nossa saúde tá'

['mɔjdzɪva'gadʒɪmaj] 'muito devagar demais'

[pɛdmajz] 'pedra mais'

Ocorrências de oclusivos bilabiais surdos /p/:

[pɔxtɔ'geizə'gɔrki] 'português agora o que'

³ Quando, na cadeia fonológica, há a formação de palavras fonológicas decorrentes do ritmo da fala. Por exemplo as palavras mar azul formam a palavra fonológica /marazul/.

[ˈsapkʊmʊɛki] ‘sabe como é que’
[pɛxˈtsjʊmɛxmʊ] ‘pertinho mesmo’

Ocorrências de oclusivos bilabiais sonoros /b/

[ˈbɔbə] ‘bomba’
[xɛzɔˈsabki] ‘responsável que’
[baˈxigə] ‘barriga’

Ocorrências de oclusivos velares surdos /k/:

[ˈbrəkɲɛ] ‘branco né’
[zɔˈgaxɛˈkɛls] ‘jogava aqueles’

Ocorrências de oclusivos velares sonoros /g/ :

[zɔˈgaxɛˈkɛls] ‘jogava aqueles’
[pɔxtʊˈgɛlzaˈgɔrki] ‘português agora o que’

Ocorrências de nasais bilabiais sonoras /m/:

[pɛxˈtsjˈmɛxmʊ] ‘pertinho mesmo’
[dʊˈmatmɛm] ‘do mato mesmo’
[ˈsapkʊmʊɛki] ‘sabe como é que’

Ocorrências de nasais alveolares sonoras /n/:

[dɪsɐˈudəkɪˈn ɔsɔsɐˈudˈta] ‘de saúde que nossa saúde tá’
[faˈlɔnɛˈgɔsdi] ‘falando negócio de’

Ocorrências de [ɲ]:

[kʊˈɲɛsɪtamˈbɛj] ‘conhece também’

Ocorrências de nasais velares sonoras /ŋ/:

[nˈtsiəˈdɛŋə] ‘não tinha dengue’
[ˈpiŋə] ‘pinga’

Ocorrências de flepe //

[nʊɛpalarˈganɔsɔfˈturʊ] ‘não é para largar nosso futuro’
[preˈmerkwakɛl] ‘primeiro com aquele’
[ˈbrəkɲɛ] ‘branco né’
[pɔxtʊˈgɛlzaˈgɔrki] ‘português agora o que’
[sɔˈf rɛnasi:] ‘sofrendo assim’

Ocorrências de fricativas lábiodontais surdas /f/

[faˈla] ‘falar’
[fɔˈmasə] ‘fumaça’
[sɔˈf rɛnasi:] ‘sofrendo assim’

Ocorrências de fricativas lábiodontais sonoras /v/:

[ɛsɪsˈpovʊ] ‘esses povo’
[gʊˈvehnu] ‘governo’

Ocorrências de fricativas alveolares surdas /s/:

[fɔ'masə] 'fumaça'
 [sɔ'frenasi:] 'sofrendo assim'
 [dɪsɐ'udki'nɔsɐsɐudta:] 'de saúde que nossa saúde tá'
 [fa'ləne'gɔsdi:] 'falando negócio de'

Ocorrências de fricativas alveolares sonoras /z/:

[sɔkɛfa'zesɔa'paxt] 'só quer fazer só a parte'
 [dizkiɛ'kəsə] 'dizem que é câncer'
 [kɔmekinɔjzɛ] 'como é que nós é'
 [kojzpranɔjz] 'coisa para nós'

Pode-se verificar que a ressilabificação também foi um fator facilitador no que se refere à queda de consoantes quando se encontram em posição átona no final de sílabas, o que pode ser demonstrado de acordo com os exemplos [sɔ'frenasi:], 'sofrendo assim' e fa'ləne'gɔsdi:, falando negócio de, onde a última sílaba inteira (-do) foi apagada, devido ao ritmo da fala que provocou a formação da respectiva palavra fonológica, o que também, neste caso, é característico de algumas variedades do português brasileiro. Porém a ressilabificação e apagamento de consoantes finais no português falado analisado na amostra, demonstra um tipo de queda de consoantes finais mais amplo que o normalmente encontrado em português brasileiro, que pode ser uma característica da variedade de "português Xerente". O exemplo para demonstrar esse tipo de queda de consoantes, não comum ao português brasileiro, mas encontrado nas amostras, é o exemplo de [pɛdmajz], 'pedra mais', onde, além da queda da última vogal, ocorreu o apagamento da consoante flepe /r/.

Como, em Xerente, não ocorrem a consoante fricativa /v/, pode se verificar que esta consoante ainda apresenta-se em processo de aquisição pelos Xerente analisados na amostra, pois houve contextos de aproximação fonológica que provocam a substituição desta fricativa por outro fonema, como no exemplo [xɛzpo'sabki], responsável que', onde se pode verificar que a consoante fricativa, que compõe esta palavra, foi substituída pelo fonema /b/. Quanto às consoantes, também houve exemplos de variação entre fonemas próximos entre si, como no caso de [sɔp'kɔmɔɛ'ki], em que pode-se verificar que o fonema //b/, da palavra sabe, foi substituído pelo fonema /p/.

3.3 AFRICAÇÃO DE CONSOANTES

Fricativas e africadas no português xerente:

Um fator muito importante e que merece destaque para a análise, aqui proposta, é a ausência dos fonemas /ʃ/ e /ʒ/ na língua Xerente. Sabe-se que as fricativas do Xerente são /s/ e /z/. A análise dos dados demonstrou que há uma certa interferência desse aspecto no português xerente. Temos a troca de fonemas que ocorreriam normalmente em português pelos fonemas mais próximos na língua Xerente. Neste caso, a aproximação de /ʒ/ com /z/ e de /ʃ/ com /s/. As fricativas que foram encontradas e que servem de base para esta análise são /ʒ/, /z/, /ʃ/ e /s/. As fricativas /f/ e /v/, apesar de também não pertencerem à língua xerente, foram deixadas de lado, pois não constituem fatores relevantes no que se refere à africacão. A seguir seguem-se alguns exemplos de ocorrências das fricativas e africadas.

(a) Ocorrências de /z/

[memoriza] 'memorizar'
 [hai:zə] 'raízes'
 [dizkiɛ] 'dizem que é'
 [faizasi] 'faz assim'
 [faizufa] 'faz o chá'

[kojz] 'coisa'
[ˈgozdi:] 'gosta de'
[za:] 'já'

(b) Ocorrências de /ʒ/

[ˈʒet] 'gente'
[pɾoˈʒet] 'projeto'
[paˈʒɛ] 'pajé'

(c) Ocorrências de /ʃ/:

[ʃeˈret] 'xerente'
[baʃtɔts] 'bastante'
[ʃəmə] 'chama'
[ʃegəla] 'chegar lá'
[ʃa] 'chá'

(d) Ocorrências de /s/:

[sap] 'sabe'
[sɔ] 'só'
[sejz] 'seis'
[gɔstə] 'gosta'
[nɔjspaɪ] 'nós passa'
[sitatən] 'se tratando'
[xesejt] 'receita'
[xesposabki] 'responsável que'
[iskese] 'esquecer'
[paˈsa] 'passar'

As africadas que foram encontradas na análise foram /tʃ/, /dʒ/, /ts/ e /dz/:

(a1) As ocorrências de /dz/

[dzivaˈga] 'devagar'
[dzimajzamɔxew] 'demais já morreu'
[ivadzino] 'invadindo'
[ʒetdizfoɾ] 'gente de fora'
[pidzi] 'pedir'
[xemɛdzɪw] 'remédio'

(b1) As ocorrências de /dʒ/:

[xemɛdʒɪw] 'remédio'
[piˈdʒi] 'pedir'
[dʒɪrejtɔ] 'direito'

(c1) As ocorrências de /tʃ/:

[tʃiə] 'tinha'

(d1) As ocorrências de /ts/:

[baʃtɔts] 'bastante'

[pɛxtsiw] ‘pertinho’

Ocorrências onde as africadas normalmente ocorreriam, mas não ocorreram:

(a) *ocorrências de /d/:*

[grədə] ‘grande’

[saudə] ‘saúde’

[pəd] ‘pode’

[dipremərə] ‘de primeira’

[gɔzdikruza] ‘gosta de cruzar’

[difejtu] ‘direito’

(b) *ocorrências de /t/:*

[gɔst] ‘goste’

[paret] ‘parente’

[paxtkie] ‘parte que é’

[xet] ‘gente’

Há a ocorrência de variação entre /z/ e /ʒ/, o que não ocorre com /ʃ/ e /s/, como nos exemplos: [za], já e [baxalz], barragem.

Observa-se, portanto, que além da queda de vogais e consoantes, o sistema fonológico do Xerente provoca também, no que se refere às africadas do português, que geralmente ocorrem quando a oclusiva alveolar vem seguida do fonema /i/, a mudança das africadas pois, como no sistema consonantal Xerente não há os fonemas /ʃ/ e /ʒ/, os mesmos são substituídos pelos fonemas mais próximos, que são, respectivamente, os fonemas /z/ e /s/. Além disso, as fricativas, e não somente as africadas, também sofrem a interferência do Xerente, pois encontramos a variação, por exemplo de ‘za’, que significa ‘já’ e baxaiz, que significa barragem (baxaʒej) e que, além de sofrer a queda das duas últimas vogais, também sofre a alternância de /ʒ/ e /z/. Podemos perceber, em alguns exemplos de africadas, a variação entre as africadas /tʃ/ e /ts/, como nos exemplos: [baʃtəts], ‘bastante’, e [tʃiə], ‘tinha’. Normalmente, em língua portuguesa, a forma de maior ocorrência é a forma /tʃ/. Ocorre também, a variação entre [ivadzɪnu], ‘invadindo’, e [dʒirejtu], ‘direito’, podemos verificar, com isso, que a forma africada da língua portuguesa, ainda não se encontra totalmente dominada pelos falantes indígenas entrevistados.

Pode-se verificar que há uma regra subjacente em formação na mente dos falantes, que pode ser observada, por exemplo, em /grədə/, grande, a qual fez com que se inserisse uma vogal mais neutra que a vogal /i/ na última posição, o que fez com que não se realizasse a africacão para a forma /grədʒɪ/.

4. Sistema fonológico da língua Xerente

Apresenta-se a seguir o sistema fonológico da língua Xerente e, a partir daí, discutem-se as interferências que ele provoca no português falado pelos Xerente.

Grannier e Souza (2005) encontraram 26 fones consonantais: [p], [p̚], [b], [b̚], [ᵐb], [t], [t̚], [ᵐt], [d], [k], [kʷ], [g], [gʷ], [f], [v], [s], [z], [ᵐz], [ʃ], [x], [h], [m], [ᵐ], [n], [l] e [r] e três aproximantes: [y], [ɥ], [w]. Além disso, os dois autores encontraram um total de 20 fones vocálicos: [i], [i̠], [ɪ], [i̥], [u], [u̠], [ʊ], [e], [e̠], [ɛ], [ɛ̠], [ə], [ə̠], [o], [o̠], [ɔ], [ɔ̠], [ɐ], [a], [a̠].

Sousa (2007), propõe a seguinte tabela de fonemas, os fonemas consonantais, descritos no quadro 6, e os fonemas vocálicos, descritos no quadro 7.

		Bilabial	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusivas	Surdas	p	t	k	
	Sonoras	b	d		
Nasal		m	n		
Flepe			r		
Fricativas	Surdas		s		h
	Sonoras		z		
Aproximante		w			

Quadro 6 – Fonemas consonantais da língua Xerente.

		Anterior	Central	Posterior
		Não arredondada	Não arredondada	Arredondada
Alta	Fechada	i i	i	u u
Média	Fechada	e e	ə	o õ
Média	Aberta	ɛ		ɔ
Baixa	Aberta		a	

Quadro 7 – Fonemas vocálicos da língua Xerente.

Comparando-se os sistemas fonológicos da língua portuguesa com o da língua Xerente, podemos verificar, que a língua Xerente não possui os seguintes fonemas consonantais: /f/, /v/, /ʃ/, /ʒ/, /g/ e /l/.

Há, em Xerente, processos fonológicos que têm bastante força na língua e continuam em andamento nas gerações mais ou menos jovens e nas gerações mais jovens. Temos, por exemplo, o apagamento da vogal à esquerda e à direita do núcleo da sílaba em palavras com mais de uma sílaba e em final de palavra, como se pode ver quadro 8, logo abaixo.

Mais velhos	Mais ou menos jovens e mais jovens
pe'se ⁴ dedi	psedi
pe'tedi	ptedi
kubu'roimti	kburõiiti
bu'du	bdu

Quadro 8 – processo de apagamento de vogais na língua Xerente

5. Interlíngua: português falado pelos Xerente

O conceito de interlíngua é estudado em lingüística, juntamente com os conceitos de interferência, mais especificamente, em estudos sobre aprendizagem de línguas.

O termo *interferência* se refere a um processo lingüístico interno de influência de uma língua, geralmente a língua materna, na segunda língua. A interferência caracteriza-se por ocorrências de formas lingüísticas de uma língua na outra língua, o que provoca desvios que são quase imperceptíveis ao falante, mas que pode ser facilmente identificado por uma falante da chamado língua alvo a que o indivíduo se propõem a aprender. O falante da língua alvo pode perceber diferenças de pronúncia, de sintaxe, de concordância e vários outros exemplos. A interferência lingüística é o fator motivador da interlíngua.

A *interlíngua* é o sistema que resulta da interferência de um sistema conhecido previamente sobre sistema que está sendo adquirido e é uma forma de transição lingüística em que a língua materna do indivíduo exerce ainda alguma influência na aquisição da língua alvo. A interlíngua

⁴ As sílabas que são precedidas do sinal de aspa (') são as sílabas tônicas das palavras.

pode se dar em diversos graus e pode ser considerada uma etapa de transição entre a aquisição de uma língua e outra. No caso da pesquisa, aqui proposta, pode-se perceber alguns exemplos da influência da língua Xerente no português falado pelos índios Xerente.

Braggio (2000), afirma que, no que se refere ao português como segunda língua, variedade língua portuguesa Xerente é composta de empréstimos, adaptações fonológicas e codeswitchings⁵, entre outros fatores de ordem lingüística”.

Segundo Braggio (1999), é possível ocorrerem inter-influências entre os dois códigos, o português e o Xerente. Braggio (1999) afirma que “a princípio, o código da língua indígena influencia o do português, já que é o primeiro a ser adquiridos pela maioria das crianças e jovens. Num segundo momento, pode ocorrer também que o código da língua indígena, no processo de aquisição dos fonemas do Xerente, sofra influências do português”. No que se refere às crianças indígenas, segundo Braggio (2000), grande parte delas chega à escola com pouco conhecimento do português falado e sem ter tido interação significativa com a variedade de fonemas da língua portuguesa. Supõe-se que, com o avanço do domínio da fonologia do português pelos índios Xerente, essas duas inter-influências fonológicas tendem a se amenizar e desaparecer.

De acordo com a nossa análise, a interlíngua observada apresenta três características principais devidas a interferências do Xerente: (1) queda de vogais, (2) queda de consoantes e (3) não palatalização das consoantes africadas.

6. Aplicações ao ensino de português aos índios Xerente

Cabe ressaltar que não se pretende realizar aqui uma tentativa de imposição da língua portuguesa aos índios Xerente, muito pelo contrário, pretende-se reforçar o domínio da língua portuguesa como um instrumento que auxilie os índios Xerente na luta por seus direitos a participarem, com maior força, nas decisões políticas a respeito de seu povo.

Como já explanado no decorrer desta pesquisa, há fatos fonético/fonológicos da língua Xerente que possuem maior saliência no que se refere à fala em português pelos mesmos. Nos dados analisados houve uma alta ocorrência de apagamento de vogais e consoantes finais e também uma certa variação na produção das africadas. A elaboração de materiais didáticos e métodos de ensino de língua portuguesa deve levar em conta estes fatos.

Braggio (1999) afirma que é “importante, pois, que a educação escolar dos povos indígenas esteja atenta às peculiaridades de cada comunidade no que diz respeito a estas situações sociolingüísticas de língua oral e escrita (além dos usos e funções das línguas em contato), já que devem ser o ponto de partida para os programas de educação escolar oral”.

Como pudemos verificar anteriormente, a partir comparação entre os quadros de fonemas das duas línguas, há certos fonemas da língua portuguesa que não estão presentes na língua Xerente. Fonemas como /f/, /v/, /ʃ/, /z/, /l/ e /g/, por exemplo, por não ocorrerem em Xerente necessitariam de um maior reforço inicial, durante a fase de aprendizagem pelos índios Xerente. Os dados da amostra pesquisada, não demonstraram dificuldades quanto aos fonemas /f/, /v/ e /l/, pois não existe fonemas próximos correspondentes a eles, mas outros fonemas como /g/, /ʃ/, e /z/ mereceriam de um maior reforço, pois poderiam ser confundidas como os fonemas mais próximos, o que como vimos, acarreta variações como em zá (já) ao invés de já /za/ e também variações nas africadas.

Além de fatores de ordem fonético/fonológica, há outros fatores da língua Xerente que podem exercer influência na aquisição do português, por exemplo: a estrutura sintática SOV⁶ do Xerente em contraposição à estrutura sintática SVO⁷ do português, o gênero lingüístico, entre outros fatores.

⁵ Processo em que o falante, sem perceber, realiza uma troca de sistemas lingüísticos. No caso dos Xerente, o codeswitching ocorre quando dois falantes indígenas estão falando em português e, gradualmente, passam a falar em xerente inconscientemente.

⁶ SVO = sujeito, objeto, verbo.

⁷ SVO = sujeito, verbo, objeto.

7. Conclusões

Como pôde-se verificar, existe um processo de interferência fonético/fonológica da língua Xerente, em relação ao português adquirido pelos mesmos. Com base nos dados coletados e na análise realizada, podemos confirmar a hipótese de Braggio (1999) de que “quando os índios Xerentes falam em português, distingue-se uma variedade específica, o ‘português Xerente’, uma variedade étnica que é diferente da variedade portuguesa local”.

No que se refere à materiais didáticos e ensino de português como segunda língua, a presente pesquisa demonstra apenas passos iniciais que devem ser abordados em ensino de língua portuguesa aos índios Xerente. Ressalta-se que esta pesquisa ainda necessita de muitos estudos que possam demonstrar mais tipos de interferências fonético/fonológicas que podem ocorrer no processo de aquisição do português como segunda língua, para que se possa obter materiais didáticos mais abrangentes, quanto às interferências fonéticas, com base nesta pesquisa

A pesquisa necessita ainda de ampliação de corpus em duas direções, para que haja uma conclusão definitiva em relação ao tema proposto: (1) ampliação da coleta de fala em português por índios Xerente, para um maior registro de textos e para maior diferenciação entre os informantes e (2) coleta de fala do português local, utilizado pela população não indígena, para maior definição do português ao qual os índios estão expostos. Em fase posterior, deverão ser considerados os grupos consonantais da língua Xerente e sua possível transferência para a língua portuguesa falado pelos mesmos, a prosódia, o ritmo e o acento e os grupos clíticos da língua Xerente.

É muito importante ressaltar a afirmação de Braggio (1999) de que os Xerente já possuem crianças que “têm como língua materna o português e não o Xerente. Fato, esse, crítico para a sobrevivência da língua, de acordo com a maioria dos sóciolinguístas”.

8. Referências bibliográficas:

- Bisol, Leda. 2001. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3º ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 254 p.
- _____. 2000. O clítico e seu status prosódico. *In: Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, UFMG, p.: 05-30.
- Braggio, S. L. B. (ms.). 1997. Aquisição e Uso de Duas Línguas: Variedades, mudança de código e empréstimo. *In: Boletim da associação brasileira de lingüística*, nº 20, p. 138 - 191.
- _____. 1999. Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo *In: Contribuições da lingüística para o ensino de línguas*. Goiânia: UFG, p 138 -191.
- _____. 2000. A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistência. *In: Museu antropológico*. Goiânia: UFG, p 01 – 38.
- Callou, Dinah & Leite, Yone. 2000. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 128 p.
- Câmara Júnior, Joaquim Mattoso. 2000. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 32º edição. 264 p.
- Chomsky, Noam. 2006. *Language and Mind*. 3 ed. New York: Cambridge University Press. 98 p.
- Grannier & Souza. 2005. Fonologia segmental da língua akwe Xerente (Jê), UnB, 25 p.
- Mattos, R. 1973. *Fonêmica Xerente*. Série Lingüística. Brasília: SIL, p. 79 - 100.
- Pontes, Eunice. 1972. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Rio de Janeiro: Ed.: Vozes. 104 p.
- Nespor, M. e Vogel, I. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland, Foris Publication, 368 p.

Silva, Thaïs Cristófaró. 2002. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto. 254 p.
Sousa Filho, Sinval Martins de. 2007. *Aspectos morfossintáticos da língua akwe- Xerente*. Goiânia: UFG. 331 p.